



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS EM SAÚDE E BIOLÓGICAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA

MIHAGERÊ GAVIÃO PINTO

**O PROTAGONISMO DE MULHERES INDÍGENAS E SUAS REPERCUSSÕES
EMOCIONAIS**

MARABÁ-PA

2023

MIHAGERÊ GAVIÃO PINTO

**O PROTAGONISMO DE MULHERES INDÍGENAS E SUAS REPERCUSSÕES
EMOCIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Faculdade de
Psicologia do Instituto de Estudos em
Saúde e Biológicas da Universidade
Federal do Sul e Sudeste do Pará,
como requisito para obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Prof. Dr. Caio
Maximino de Oliveira

MARABÁ-PA

2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS EM SAÚDE E BIOLÓGICAS

ATA DE DEFESA DE TCC Nº 125 / 2023 - IESB (11.30)

Nº do Protocolo: 23479.024669/2023-71

Marabá-PA, 20 de dezembro de 2023.

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Instituto de Estudos em Saúde e Biológicas Faculdade de Estudos em Saúde e Biológicas

Curso de Bacharelado em Psicologia

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 18 dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e três na sala 205 do Prédio Bloco Central, da Unidade III do Campus de Marabá, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, constituiu-se a Banca Examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da discente MIHAGERÊ GAVIÃO PINTO, matrícula 202040502026, composta por Prof. Dr. Caio Maximino de Oliveira, Docente Orientador de TCC e os membros convidados Profa. Dra. Luiza de Nazaré Mastop de Lima e Dra. Naurinete Fernandes Inácio Reis, sendo presidida pelo Docente Orientador de TCC. O exame teve início às 18:30, com a apresentação oral da discente, encerrando-se às 19:30. Após reunião em sessão reservada, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela APROVAÇÃO do referido trabalho, com o conceito EXCELENTE.

Marabá, 18 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora:

(Assinado digitalmente em 24/01/2024 17:47)
CAIO MAXIMINO DE OLIVEIRA
PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR
Matrícula: 1700723

(Assinado digitalmente em 21/12/2023 17:03)
LUIZA DE NAZARE MASTOP DE LIMA
PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR
Matrícula: 2455066

(Assinado digitalmente em 20/12/2023 09:07)
NAURINETE FERNANDES INACIO REIS
SOCIOLOGO
Matrícula: 3696107

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.unifesspa.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **125**, ano: **2023**, tipo: **ATA DE DEFESA DE TCC**, data de emissão: **20/12/2023** e o código de verificação: **f182a42760**

DEDICATÓRIA:

Dedico este trabalho a todas mulheres indígenas protagonistas do brasil, que lutam diariamente pelos seus territórios e pelo bem da humanidade, resistindo a diversos ataques e preconceito, em prol da resistência dos povos indígenas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter permitido que eu tivesse determinação para não desanimar durante o processo de realização deste trabalho.

Aos meus familiares, que estiveram sempre ao meu lado, principalmente minha mãe Purupramare Gavião por todo apoio, zelo e proteção ao longo de toda minha vida.

Ao meu companheiro Sheldson Santos, que está sempre me apoiando, incentivando e contribuindo com tudo que favoreça o meu crescimento.

Ao meu filho Sheldson Pietro, minha motivação diária que alegra meus dias e desde que nasceu é meu companheiro de estudo e de todos os momentos.

A minha segunda família, que é a família do meu companheiro que contribuem e me apoiam em tudo.

Ao professor Caio Maximino, por ser meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação e compreensão. E os demais professores do curso por todos os ensinamentos.

Aos meus colegas de turma, psicologia 2020, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado.

As minhas amigas e grupo de sala, Gabriely Rosa, Liza Besty e Lara Costa por todo o companheirismo ao longo deste percurso.

A professora Luciana Brandão, do programa PIPOU, que me auxiliou e contribuiu para este trabalho.

A todas as mulheres que participaram da pesquisa, me acolheram e contribuíram para que este projeto fosse realizado.

RESUMO

O protagonismo das mulheres indígenas no Brasil tem crescido aceleradamente atualmente. Muitas delas estão rompendo paradigmas e ocupando novos espaços que antes estavam fora da realidade das mesmas. Dessa forma, presentemente encontramos a presença de mulheres indígenas protagonizando em vários espaços, como na política, educação, saúde e entre outros locais. É notório o preconceito que essas mulheres sofrem, ainda mais por serem indígenas, porém, seu empoderamento e resistência diante disso, tem aberto novos caminhos para as demais. Nesse contexto, as responsabilidades que é direcionada à figura da mulher pela sociedade, as sobrecarrega, sendo enfatizado ainda mais, quando essas se tornam ativas e protagonistas em suas lutas. Nesse sentido, a presente pesquisa, é resultado de um estudo prático, desempenhado de forma qualitativa, que buscou compreender as repercussões emocionais causadas em mulheres indígenas devido ao seu protagonismo. Portanto, visando identificar como seu emocional é afetado e como sua rotina diária influencia no seu bem estar físico e principalmente mental.

Palavras-chave: Mulheres indígenas. Sobrecarga. Rompendo paradigmas.

ABSTRACT

The role of indigenous women in Brazil has grown rapidly today. Many of them are breaking paradigms and occupying new spaces that were previously outside their reality. Thus, we currently find the presence of indigenous women playing a leading role in various spaces, such as politics, education, health and other places. The prejudice that these women suffer is notorious, even more so because they are indigenous, however, their empowerment and resistance in the face of this has opened new paths for others. In this context, the responsibilities that are directed to women by society overwhelm them, being emphasized even more when they become active and protagonists in their struggles. In this sense, the present research is the result of a practical study, carried out in a qualitative way, which sought to understand the emotional repercussions caused to indigenous women due to their protagonism. Therefore, aiming to identify how your emotional state is affected and how your daily routine influences your physical and especially mental well-being.

Keywords: Indigenous women. Ov:erload. Breaking paradigms.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	9
3. JUSTIFICATIVA.....	12
4. HIPÓTESE.....	13
5. OBJETIVOS.....	14
6. MÉTODOS.....	14
6.1. Métodos de amostragem.....	14
6.2. Critério de seleção.....	14
6.3. Instrumentos.....	15
7. Procedimento de coleta e análise de dados.....	15
8. Resultados e Discussões.....	15
REFERÊNCIAS.....	21
APÊNDICES.....	22
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE.....	22
APÊNDICE B - AUTORIZAÇÃO.....	24
APÊNDICE C - Roteiro da entrevista semiestruturada.....	25

1. INTRODUÇÃO

As lutas e reivindicações dos povos indígenas vêm conquistando grande visibilidade no Brasil nas últimas décadas, em espaços sociais, políticos e midiáticos, onde a mulher indígena tem desempenhado um papel fundamental na conquista e manutenção dos direitos de seus povos.

Sendo válido destacar que cada povo indígena possui seus próprios costumes e particularidades, porém, de forma ampla, sobre a divisão dos papéis desempenhados por sexo, na maioria dos povos, historicamente as mulheres possuem a responsabilidade de realizar a colheita, o preparo de alimentos, a fabricação de utensílios, tecidos e adornos, o cuidado inicial dos filhos, entre outras atividades, desempenhando um papel importante na manutenção das tradições de suas comunidades. Sendo que na contemporaneidade, é percebido que gradualmente tem havido algumas mudanças nessa divisão de papéis e as mulheres indígenas começaram a protagonizar lugares que por muito tempo eram ocupados apenas pela figura masculina.

Esse deslocamento de papéis desempenhados nas comunidades indígenas por essas mulheres, traz à tona novos vieses sobre os debates e luta desses povos, sendo estes de grande importância e repercutindo na vivência das mesmas de forma particular. Sendo atingido esse local de protagonismo, onde as mulheres se fazem ativas nas demandas e tomadas de decisão desses ambientes.

Nesse sentido, se faz necessário que sejam trabalhadas as questões envolvidas nesse protagonismo feminino indígena, tal qual as lutas que estas defendem e as repercussões emocionais que incidem em quem está à frente dessas lutas. Para isso, a presente pesquisa busca conhecer através de uma entrevista semiestruturada as vivências e os locais ocupados por essas mulheres, pertencentes aos povos: Gaviões “compostos por três etnias: Parkatêjê, Kyikatêjê e Akrätikatêjê, que englobam a Reserva Indígena Mãe Maria e fica localizada no Município de Bom Jesus do Tocantins, e é composta de uma área de 62.488,4516 hectares de terra” (Pinto; Silva, 2018) e Guajajara, oriundos do Maranhão, considerados um dos povos mais numerosos do Brasil, possuindo também diversas mulheres referência do movimento femista indígena.

De acordo com Wenczenovicz e Siqueira (2017), diante de todas as violências praticadas contra os povos indígenas, as mulheres são as principais vítimas. Dessa maneira, as indígenas têm uma chance superior de serem violentadas de diversas formas, do que as demais mulheres. Portanto, ao estar na linha de frente de lutas pelos seus direitos e territórios, estas mulheres ficam ainda mais vulneráveis e alvo de diversas violências e ataques.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Como relata Bicalho (2011) “Protagonizar significa, sobretudo, tornar-se o ator mais importante de algum acontecimento, ato ou fato.” Dessa forma, quando refere-se a mulheres protagonistas, fala-se de mulheres com trajetórias, lutas, conquistas e desafios de serem mulheres indígenas numa sociedade que ainda ignora seus direitos e estimula o silenciamento de suas lutas:

O papel da mulher indígena no território e na luta é essencial para a conquista de direitos para todo o povo. As mulheres não têm uma luta isolada, elas se agregam às lutas que já vêm sendo travadas há muito tempo, principalmente por direitos à demarcação dos seus territórios originários. Elas têm protagonizado várias ações em suas comunidades, têm sido o pilar que sustenta não só a cultura e a luta, mas também os espaços institucionais que têm ocupado. Estas mulheres empoderadas não querem somente assistir ou orientar o movimento, elas também querem ter uma participação direta, querem ter voz, não ter uma luta individual ou que desmoralize os homens, mas trazer essas falas, essa participação dos bastidores para dentro do movimento indígena como um todo, seja ele no território ou nas lutas externas. (SOUZA *et al.*, 2020).

Nesse sentido, segundo Tavares (2017), a compreensão da capacidade de ação das mulheres indígenas, em um contexto científico historicamente negligente, passa a enfrentar um novo desafio diante da presença das mulheres como protagonistas nesses ambientes. Dessa forma, a atuação destas mulheres à frente de seus povos, seja como cacicas, como lideranças e anciãs respeitadas, surge já em um meio de novas configurações das concepções e relações de gênero no universo indígena. Estas mulheres que estão dominando as universidades, estão cada vez mais influentes na defesa do direito à terra, proteção do meio ambiente, educação, saúde e etc. A autora ainda ressalta que o movimento feminista tem se esforçado historicamente para desenvolver uma teoria que seja mais inclusiva para as mulheres e por consequência, menos padronizada.

A resistência da população indígena para manter sua cultura, seu território e seu povo vivo é intensa desde a antiguidade. Como retrata Bicalho (2011), não se pode esquecer que a história de resistência dos povos indígenas no Brasil é secular, visto que, os mesmos foram submetidos a várias maneiras de colonização desde a chegada dos europeus ao Brasil.

É cada vez mais notório o deslocamento das mulheres indígenas, que antes ocupavam majoritariamente papéis já instituídos em seus contextos sociais, para um local de protagonismo, onde as mesmas se fazem vozes ativas nos movimentos de defesa das causas de suas comunidades, identidades, tendo autonomia e trazendo a tona debates de suas próprias vivências.

Segundo Hollanda (2018), o movimento das mulheres em contexto urbano, é mais articulado e tem protagonismo nos diferentes espaços de poder, mas, quando se trata de mulheres indígenas, a realidade é outra, o movimento de mulheres indígenas ainda está em fase de desenvolvimento, mas, mesmo ainda em andamento, é visível a resistência das mesmas rompendo paradigmas que culturalmente as mulheres indígenas desempenham em suas comunidades.

Essa luta da mulher indígena sempre foi um desafio, um dos principais embates é em relação ao machismo, tanto interno (dentro das comunidades), quanto externo, pois, os homens demonstram se sentirem ameaçados diante da presença das mulheres ocupando os mesmos espaços que eles, diante disso, podem ocorrer assédios, opressões, silenciamento e outras problemáticas. Portanto, Sônia Guajajara, grande nome da luta indígena feminina no Brasil, descreve que o feminismo da mulher indígena é se empoderar e assumir o protagonismo, sendo esse protagonismo está ganhando espaço cada vez mais, mesmo com todos os desafios citados acima. (HOLLANDA, 2018)

A partir disso, o foco da pesquisa são as mulheres indígenas protagonistas, que desempenham ou ocupam o papel de liderança no contexto de movimentos indígenas de forma geral, visto que a mulher tem um papel importante, assim quanto os homens em suas comunidades:

A participação da Mulher em todo processo histórico, desde a invasão até os dias atuais, tem sido de grande importância para a defesa da vida e de suas terras. Faz-se necessária a junção de luta com os homens, crianças e anciões devido à violência e às violações de

direitos sofridos há cinco séculos, e que resultou em um dos maiores genocídios de povos indígenas no mundo. Por tudo isso, a unificação fez com que a luta se tornasse muito forte, sem divisão de gênero. (SOUZA *et al.*, 2020)

Diante dessas intensas lutas enfrentadas pelos povos indígenas, que continuam a ser alvos de conflitos todos os dias, na defesa de seus territórios e seus povos que são ameaçados. O impacto deste cenário violento que vem ocorrendo há séculos, pode provocar uma sobrecarga e o adoecimento em saúde mental da população indígena, se fazendo cada vez mais necessário que esta tenha sua voz ativa na defesa de seus direitos.

Sendo que, as mulheres em particular, foram historicamente e continuam a ser violentadas, não apenas pela colonização, mas também pelas estruturas patriarcais instituídas. Isso pois, as mulheres indígenas são discriminadas duplamente pela sociedade, por ser indígena e ser mulher, podendo ser somada ainda, a questão de classe para indígenas urbanas, o que coloca essa parcela da população como uma das que mais sofre com a vulneração de direitos. (Silva, 2021)

Sobre as diversas violências direcionada às mulheres indígenas diariamente, Wenczenovicz e Siqueira (2017), afirma que:

A violência praticada contra a mulher indígena realiza-se tanto em termos interpessoais como sociais e étnicos, principalmente nos embates do cotidiano ocorrendo de forma continuada, tornando-se naturalizada em diversos espaços e grupos sociais. Dentre as formas de violência direta estão o assassinato, a tentativa de assassinato, o homicídio culposo, a ameaça de morte e outras variadas formas de ameaças, as lesões corporais dolosas, o abuso de poder, o racismo, a discriminação étnico-cultural e a violência sexual.

Dentro desse contexto de violências e violações a população indígena, sendo dado enfoque ainda nesse recorte de gênero e enfatizadas as vozes dessas mulheres que passam a buscar e ocupar locais de protagonismo, são cruciais as suas ações dentro da luta indígena.

Outra questão importante para o debate é a necessidade de nos organizarmos enquanto mulheres indígenas, pensarmos sobre como ainda somos criadas para não desempenhar papéis de liderança política, assunto que hoje se tornou mais fundamental que nos últimos cinco séculos. Afinal, somos nós, mulheres indígenas, as principais vítimas das violências praticadas contra as comunidades indígenas em todo o mundo. Os dados mostram que mais de uma em cada três mulheres indígenas são estupradas ao longo da vida. A violência é uma estratégia de desmoralização da comunidade.

Além disso, mesmo com todas as circunstâncias que sofrem, estas têm mostrado muito interesse em prol da luta pela resistência dos seu povos, assim tomando a frente e sendo mais reconhecidas e consideradas símbolos de esperança pela luta de melhoria das suas comunidades:

Eu quero que mais pessoas entrem, quero também as mulheres, porque elas estão interessadas e os homens estão parados. Mas, se quiserem, eles entram também. Estou preparando também as pessoas, elas estão estudando, agora estão estudando mesmo. Tomara que consigamos levantar, com essas meninas! (JÕPAIPAIRE, 2011)

Portanto, esse protagonismo de mulheres indígena tem tomado uma proporção gigantesca no Brasil, com a criação de diversos movimentos de resistência contra os ataques aos povos indígenas, como a Marcha das Mulheres Indígenas, decidida durante a Plenária nacional das mulheres indígenas em 2019, tendo a sua primeira edição no ano de 2019, evento que ocorre nas ruas de Brasília, com intuito de lutar pelo fim das violências contra as mulheres indígenas e os seus lugares de direito na sociedade, esta atividade conta com mulheres de diversos povos, territórios e biomas. Mas todas com o mesmo intuito, o de fortalecer e incentivar as demais mulheres a participar desses espaços (Silva, 2021). Desta forma, este evento tem ganhado força a cada ano, mostrando o empoderamento e a indispensável força da mulher indígena e das demais mulheres.

3. JUSTIFICATIVA

O presente estudo tem grande relevância, visto que é um tema que tem pouca visibilidade dentro do meio científico e midiático, sendo os materiais disponíveis sobre o mesmo, bastante escassos. Ademais, esta pesquisa traz experiências genuínas de mulheres que estão à frente de movimentos indígenas, lideranças e etc, sempre lutando em prol do bem-estar do seu povo e outros. Serão analisadas mulheres protagonistas que ocupam lugares diversos, seja em instituições, líderes de comunidades, membros de movimentos indígenas e etc. Assim, é possível ter uma visão mais abrangente, ao mesmo tempo que também particular de como cada uma dessas mulheres indígenas que residem no território indígena mãe maria, povo Gavião, são afetadas emocionalmente devido a demanda que as mesmas têm como protagonistas na luta pela resistência indígena.

Portanto, é de suma importância esta pesquisa, pois, traz transparência de como essas ocupações interferem na saúde física e mental destas mulheres, ainda mais, que, somente na atualidade a força e voz feminina indígena tem ganhado mais espaços, no qual, se tem muito mais mulheres ocupando lugares que antes eram denominados como “lugar de homem” e “lugar para homem”, e com isso mostrando a sua força, seu empoderamento e suas reivindicações, que cada vez mais fazem a diferença para a resistência dos povos indígenas.

Por fim, entende-se a temática trabalhada como diretamente benéfica e que agrega ao público que se interessa pelo assunto, por conta da análise das experiências de quem está ativo nesse contexto a ser trabalhado aqui, buscando auxiliar para que esta ganhe mais visibilidade e fortaleça as lutas das mulheres.

4. HIPÓTESE

A hipótese da pesquisa, é devido a alta demanda de atividades direcionada à mulher em si e ainda ocupar um espaço de luta intensa em prol do cuidado com o seu povo e seu território, esta junção de tarefas pode ocasionar uma sobrecarga excessiva, que acaba afetando principalmente a saúde mental dessas mulheres, ademais, o fato das mesmas terem que lutar também contra o patriarcado enraizado socialmente, pode gerar repercussões emocionais negativas que afetam o bem estar físico e mental das mulheres indígenas que são cacicas, líderes de movimentos, as quais estão ativamente em lutas por conta dos inúmeros fatores que ameaçam a existência indígena e muitas das vezes, intimidadas por aqueles que são contra as causas por elas defendidas.

5. OBJETIVOS

5.1 Objetivo Geral

Analisar como o papel de protagonista pode causar repercussões emocionais em mulheres indígenas.

5.2 Objetivos Específicos

1. Realizar uma retrospectiva de trajetórias das mulheres indígenas protagonistas;
2. Conhecer os principais desafios que essas mulheres enfrentam;
3. Identificar a repercussão psicológica que esse protagonismo causa nas mesmas.

6. MÉTODOS

6.1. Métodos de amostragem

O método de pesquisa se deu a partir de entrevistas semiestruturadas, realizadas, de forma presencial, com quatro mulheres indígenas protagonistas do movimento indígena, sendo três delas do povo Gavião Akrãtikatêjê e parkatêjê, etnias acopladas na mesma reserva indígena, e uma indígena do povo Guajajara. Estas que estão à frente de movimentos e possuem alguma relação de protagonismo dentro de movimentos indígenas, seja em seu próprio território, ou externamente.

6.2. Critério de seleção

Foi utilizado como critérios de inclusão: ser liderança feminina indígena ou protagonista de movimentos indígenas; estar ativa de alguma maneira nesse espaço; ter acima de 18 anos de idade. Já os critérios de exclusão da pesquisa foram: não ser mulher indígena; ter abaixo de 18 anos de idade; não ser ativista da luta indígena.

6.3. Instrumentos

A presente pesquisa foi realizada de forma presencial, utilizando um roteiro semiestruturado (Apêndice A), com oito perguntas sobre o tema, realizada no ambiente de cada entrevistada. Além disso, todas as entrevistas foram gravadas em áudio por meio de um *smartphone* e transcritas. O objetivo destas entrevistas foi compreender a percepção dessas mulheres sobre as repercussões emocionais e como este termo se relaciona com sua trajetória de vida delas. Além disso, como esse protagonismo que as mesmas ocupam afeta sua saúde (física e mental), sua

subjetividade, seus laços familiares e a forma de viver em sua comunidade. Outrossim, foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Carta de Cessão de Direitos sobre o teor de sua entrevista e todos os participantes assinaram.

7. Procedimento de coleta e análise de dados

As experiências obtidas através das entrevistas, foram analisadas por meios da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), agrupadas em categorias primárias, secundárias e terciárias.

Com o repertório bibliográfico previamente selecionado, foi realizada a análise dos relatos da trajetória de luta das entrevistadas, de forma qualitativa, e então relacionou-se com conteúdos já existentes na literatura, investigando as possíveis repercussões emocionais causadas por essas atividades desenvolvidas pelas mesmas.

8. Resultados e Discussões

• O pioneirismo das mulheres indígenas

A visibilidade das mulheres indígenas têm crescido cada vez mais na contemporaneidade, com isso, elas vêm ocupando diversos espaços. Desta forma, os locais que antes era fora da realidade das mulheres indígenas, atualmente está sendo o palco, esse pioneirismo tem sido a abertura de caminhos para outras mulheres ir além daquilo que lhe é proposto, portanto, essa quebra de paradigmas é considerado uma resistência, que está abrindo portas para que outras mulheres indígenas possam se empoderar e estar onde queira estar.

Durante as entrevistas das participantes, quando as mesmas contaram sobre suas trajetórias de vida, foi identificado uma similaridade que algumas delas possuíam, como o pioneirismo em alguns espaços.

“Eu fui a primeira mulher indígena do povo gavião a me formar no curso de enfermagem” (Participante 1)

Com toda essa mudança, é notório o número de mulheres indígenas que têm ingressado nas universidades, com isso, aumenta-se cada vez a sua presença em órgãos públicos e em outros espaços, assim a força feminina vem se reforçando

quebrando paradigmas, ganhando espaços e reconhecimentos, como é possível ver no relato abaixo.

Então foi difícil me formei em 2016 e aí em seguida já passei no processo seletivo da SESAI, como entrei como a primeira indígena a ocupar um cargo de responsável técnica no Polo Marabá. (Participante 1)

Além disso, a quebra de padrões não está sendo rompida só fora das comunidades, mas, dentro delas também, como é possível visualizar no relato da primeira cacique mulher do povo Gavião.

Meu pai disse que sabia o que estava fazendo, porque ele conhecia cada um de nós. Ele sabia até onde nós podia ir. Porque ele criou cada um de nós, ele sabia o potencial de cada um, e aí todo mundo: fala logo pai quem é o novo cacique, ele foi e disse: a minha filha, eu falei, eu pai? não, eu sou mulher, ele disse: por isso mesmo, por tu ser mulher, hoje eu estou quebrando esse protocolo. Eu falei, mas nem pode mulher ser cacique pai, não podia mulher ser cacique, não podia mulher participar de reunião, nós, mulheres, só podia cuidar da roça, da língua materna e das sementes. (Participante 2)

Diante disso, quando uma mulher indígena ocupa um lugar que antes era considerado de exclusividade masculina, ela não só rompe ciclos, como também vira referência, vira símbolo de luta, influencia outras mulheres e abre espaços para que a figura da mulher indígena se empodere ainda mais, expandindo sua força e seu conhecimento.

- **Relações familiar**

Outro ponto percebido é que as relações familiares na maioria das vezes atingem diretamente o emocional das mulheres protagonistas indígenas, é relativo a questão de quem os apoia nessa caminhada, como também, quem tenta apagá-las, como é relatado abaixo.

Porque é muito difícil a gente ter que conciliar tudo isso, ainda mais quando se trata da mulher, ser uma mulher que tem que estar ocupando o espaço dentro da universidade, na sociedade em si e em outros lugares e ter que muitas das vezes abrir mão, né? Ter que abrir mão de estar ao lado da família para estar fazendo palestra em outros lugares, em outros estados, tudo isso acaba influenciando, né? Às vezes tem pessoas que compreendem, às vezes tem outras que não. (Participante 3)

Além disso, com os relatos foi possível perceber que na maioria dos casos, os cônjuges costumam ser os membros do meio familiar que mais têm impasse, não aceitando que suas companheiras esteja na linha de frente, não costumam aceitar

esse lugar que elas ocupam de protagonista, principalmente ao se trata de mulheres indígenas, visto que em diversas culturas e sociedades, persiste a ideia de que as mulheres devem ser submissas aos homens. Essas crenças são frequentemente enraizadas em tradições patriarcais que moldam normas e expectativas sociais. Embora tais visões ainda sejam prevalentes em algumas regiões e contextos, é importante notar que há um crescente movimento para desafiar e transformar essas perspectivas, promovendo a igualdade de gênero e os direitos das mulheres em diversos espaços.

Então meu pai me envolveu em vários movimentos e logo em seguida eu fui escolhida como representante indígena das mulheres do Pará. Aí eu comecei viajar pelo mundo depois que o meu marido morreu em 2003 porque meu marido não aceitava não. E aí, onde minha vida mudou assim, parece que eu dei um salto, sabe? Porque eu não. Eu não aceitei em nenhum momento. Aquele rebaixamento ou machismo. Eu usei tudo aquilo para crescer, eu me fortalecer. (Participante 2)

E eu creio que foi a partir daí que eu também tive que tomar uma decisão de ter que permanecer só, né? Somente com o apoio da minha família, da minha família, que eu falo, dos meus pais, dos meus irmãos, porque a pessoa com quem eu convivia não compactuava muito, né? Com a forma que eu lido, com o movimento em si. (Participante 4)

Por outro lado, um fator bastante interessante que foi identificado na maioria das entrevistas, é que grande parte das mulheres foram influenciadas pelos seus pais, sendo eles os maiores incentivadores para que elas embarcassem nesse meio, como é possível ver a seguir.

A minha trajetória, ela se inicia primeiramente eu, a partir do meu pai, né? Porque como ele é uma liderança e desde criança a gente sempre acompanhou, quanto a todas as viagens que ele fazia em prol dos movimentos indígenas. (Participante 3)

Então meu pai me preparou para correr na beira da praia para ter resistência. Meu pai começou a me ensinar a atirar para me defender. O meu pai me ensinou a carregar cartucho, a jogar flecha, criar força no braço e ele me ensinou também a resistir a fome, ele diz, Ah, tu vai comer agora 5 horas da manhã e tu só vai comer agora de tarde e tu não vai beber água porque tu tem que aguentar a sede, porque nós estamos vivendo uma guerra e tu tem que sobreviver. Então meu pai dizia assim, nós todos podemos morrer, mas eu quero que tu sobreviva. Eu não quero que tu morra. Tu não pode morrer, tu tem que contar a história, né? Do povo que está acontecendo, porque eles vão me matar. (Participante 2)

Eu lembro quando ele me levou para participar de seminários. Congressos, né? E ele me colocou à frente, você vai se apresentar e vai falar quem você é, vai falar do nosso povo e eu lembro que algumas vezes eu treinei. Sem saber o que falar, mas ele falou, você vai falar, um dia você vai aprender e você tem que ter essa autonomia, né? De fala, tem que ir ganhando espaço, respeito ainda que você seja uma jovem mulher. Porque quando se trata de mulher em relação a nós, é uma coisa que fica muito mais difícil,

né?. (Participante 4)

Sendo assim, o apoio familiar é um dos fatores mais importante para essas protagonistas, é o que dá ânimo para prosseguir, assim, foi percebido que esse impulso familiar é o que fortalece as mesmas, repercutindo bons sentimentos e impulsionando a irem cada vez mais longe. Porém, quando não se tem esse apoio, acaba ocorrendo um desânimo nas mesmas, muitas vezes até atrapalhando seu desenvolvimento e causando algumas emoções negativas, como a tristeza.

- **Luto**

Durante a pesquisa, quando questionado as participantes sobre como fica o seu bem estar físico e emocional estando a frente de movimentos indígenas, foi identificado que o luto é um dos fatores que influencia fortemente na saúde emocional das indígenas e que na maioria dos povos indígenas existe uma forma de reação mais complexa e um respeito muito grande da família diante desse fato, além disso, o luto tem fortes influências na rotina de vida das pessoas que vivem nas comunidades indígenas.

Dessa forma, nas entrevistas foi observado que o luto repercute emoções negativas, que afeta o protagonismo dessas mulheres indígenas, podendo ocasionar transtornos emocionais, como é possível visualizar o relato abaixo:

Aí nós viemos de vez quando foi 2012, eu consigo o primeiro recurso para cá e eu perco a minha filha, né? No parto das gêmeas e pra mim eu entro em depressão, não consigo mais trabalhar, eu não consegui andar e meu pai me deu muita força. Meu pai vivo, quando foi 2014, eu perco o meu pai. (Participante 2)

Outrossim, o luto também pode atingir diretamente a rotina dessas mulheres, acarretando em limitações para realizar as atividades corriqueiras, além do acúmulo de responsabilidades, como é possível visualizar no relato abaixo, podendo gerar também vontade de desistência em ser protagonista ou praticar qualquer outra atividade.

Um tempo de pandemia, né? Perdi a minha avó. Perdi primos, tios, e estudando ainda o curso de direito. Tem ainda nossa relação com a empresa vale, eletronorte, que eu tenho também que está ali assessorando o povo, falando, e acabou isso trazendo é, eu digo assim que afetou tão grande o emocional que eu tive dificuldade de defender o meu TCC. Eu achei que eu não seria capaz. Então eu tive que fazer acompanhamento com uma psicóloga, inclusive particular. Foi aí que eu consegui retornar e às vezes eu pensei que eu estava ficando louca, não é? Eu falei que não

era capaz, não queria mais estar no meio das pessoas, eu não queria mais nem participar da reunião. Eu fiquei assim, eu não dou conta. É muita coisa, muita responsabilidade. Eu já queria estar me privando. (Participante 4)

Desta forma, o acontecimento do luto é visto como agravante na vida dessas mulheres, visto que, quando as mesmas passam por esta ocasião, acaba afetando seu emocional negativamente, ocasionando transtornos emocionais e diversos sintomas negativos. Diante disso, o luto em uma comunidades indígenas, na maioria delas, possui normas e rituais que fortalecem o respeito e a coesão familiar.

É de suma importância destacar como funciona o luto entre o povo Gavião, onde envolve um conjunto de normas e rituais que refletem o profundo respeito pela memória do falecido e a importância da união familiar. Durante o período de um ano, chamado de “resguardo”, os familiares evitam conflitos, risos e até mesmo a expressão de ciúmes para preservar a harmonia. Esse processo inclui abstenções visuais e sociais, como não cortar o cabelo ou pintar o corpo. Após o ano de luto, eles são liberados para retomar atividades como cortes de cabelo e pinturas corporais. Aqueles que desrespeitam essas regras podem ser repreendidos pela família, que exige respeito à tradição: “A família tirava aquela pessoa que não respeitasse o luto [...] ‘Vão se misturar com aqueles que não estão de luto, porque não estão respeitando a própria família’” (JÕPAIPAIRE, 2011).

- **Protagonismo da mulher indígena e seu emocional**

As mulheres indígenas estão sempre a frente de ações em defesa do seus territórios, quanto em defesa da saúde e educação dos povos indígenas, desta maneira, estas mulheres de linha de frente salienta cada vez mais a importância de sua presença nessas pautas, mostrando resultados de suas lutas e levando retorno para seus povos e contemplando para melhoria de vida dos povos indígenas.

Eu luto muito e eu protejo a educação. Eu luto pela educação, pela uma boa vivência. Eu luto, ó, pelo um território em pé, pela Amazônia, né? Eu luto muito pelos rios, pela vida dos animais. Eu prezo muito pela vida dos animais e a nossa própria vida, porque enquanto nós existir vai existir floresta, vai existir animais, vai existir, né? Um bom Rio, uma boa cultura. (Participante 2)

Porém, a dupla jornada destas mulheres geralmente são muito intensas, ocasionando muitas das vezes danos psicológicos devido o excesso de elementos que a mulher precisa dar conta, como relatado abaixo:

Querendo ou não, isso já é um impacto, né? Quando você se preocupa com as grandes empresas, com os projetos vindo, porque está vindo aí, ó, a hidrovía, ela vai atingir o meu povo. Eu falo, meu povo que eu estou falando do território, eu estou falando do rio Jacundá e do rio flexeira. Eu estou falando da cultura, eu estou falando da nossa vivência. Então me preocupa. Querendo ou não, atinge o meu psicológico, atinge a minha doença porque hoje eu tenho descontrole hormonal que eu não tinha. (Participante 2)

Diante disso, os inúmeros ataques que os povos indígenas sofrem todos os dias, gera danos psicológicos, principalmente de quem está a frente, que compreende a proporção que as atividades realizadas externamente podem causar aos territórios indígenas, mas mesmo assim essas mulheres buscam manter o equilíbrio emocional para enfrentar tudo que tenta prejudicar a vivência de seus povos, como é relatado pela participante:

E eu sou resistência diante de todas as lutas diante de todas as dificuldades, né? E eu tenho em mente que ela nunca para. É uma luta que nunca para, então é de verdade. A gente precisa estar preparado mentalmente, né? A saúde mental é muito importante nesse sentido, né? De ter que se fortalecer, de você ter que caber nesse Novo Mundo. Eu falo que é um mundo completamente desconhecido do nosso e exige, exige força de nós, né? Exige essa resistência, é indígena, então essa resistência ela me faz cada vez mais bem capacitada. (Participante 4)

Outro ponto é o preconceito que as mulheres indígenas sofrem diariamente que acarreta em diversas repercussões emocionais negativas, como o machismo enraizado em nossa sociedade, que muitos homens ainda se sentem incomodados com a presença feminina em espaços de lideranças e acabam tentando rebaixá-las.

Quando eu era presidente da associação, sofri preconceito com o meu próprio povo. Não foi nem tanto de fora, mas também aconteceu com não indígenas de fora. E isso acontece. É uma realidade que acontece quando vista assim, Ah, é mulher, porque é como eu disse antigamente no nosso povo, gavião era mais os homens que estavam à frente para decidir, então alguns. Olhavam assim para me dizer assim, mas tu é mulher, o nosso povo, a mulher, ela fica atrás. (Participante 4)

Me nomeando eu como mulher, isso foi um grande preconceito, porque a primeira vez que eu sentei com os caciques homens, eu não fui aceita, assim de primeira, sabe? Todo mundo me olhava e eu sentada ali. Então assim, eu não chorava na frente deles, mas quando eu chegava em casa eu chorava. Eu chorava muito, porque eu me senti ali rejeitado. Eu não me senti abraçada por nenhum cacique aqui, por eu ser mulher. Então assim eu não tive apoio dos caciques naquele momento, não tive de alguém dizer parabéns, tu é nova cacique ou então? Parabéns, seja bem-vindo, nunca. Mas, todas as críticas, todos os preconceitos, todas as palavras, né? de rebaixamento me fortaleceu. Eu usei para mim crescer no meu dia a dia. (Participante 2)

O duplo preconceito que estas mulheres sofrem é visível, como é possível

observar nos relatos, por ser mulher e ainda mais indígena, dessa maneira, esse turbilhão de adversidades sofridas, como agressões verbais, físicas e psicológicas, ser muitas das vezes sexualizada, violentada e entre inúmeros outros acontecimentos que a figura feminina passa devido ao seu gênero, acarreta danos emocionais nas mesmas. Além disso, foi identificado que, por trás de uma imagem de mulher forte e determinada, muitas carregam dores e lidam com cargas emocionais intensas, que frequentemente abalam seu estado emocional. Esses fatores são os principais responsáveis pelos acontecimentos em suas vidas.

De acordo com a cartilha elaborada pelo Ministério da Saúde, por meio da Secretaria Especial de Saúde Indígena e do Departamento de Atenção à Saúde Indígena (2019), a atenção psicossocial aos povos indígenas é fundamentada na construção de redes de apoio que promovem o bem viver. A Portaria de Consolidação nº 2, de 28 de setembro de 2017, do Ministério da Saúde, estabelece as diretrizes para o desenvolvimento de ações de atenção integral à saúde mental dos povos indígenas, definindo o modelo de atenção a ser seguido. Com base nessa Portaria, propõem-se marcos operativos para a implementação dessas ações nos territórios. Os princípios estabelecidos na Portaria orientam as práticas dos profissionais de saúde na atenção psicossocial destinada aos povos indígenas, guiando todas as intervenções realizadas nos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI).

Portanto, as estratégias de intervenção em saúde mental para povos indígenas incluem atendimentos individuais e familiares, que oferecem suporte psicossocial por meio da escuta das demandas, identificação de redes de apoio e fortalecimento do vínculo entre usuários e profissionais; visitas domiciliares, que aprofundam a compreensão do cotidiano das famílias e facilitam o acesso ao serviço de saúde; grupos de Saúde Mental e Bem Viver, que utilizam atividades coletivas para promover a saúde mental, fortalecer vínculos sociais e prevenir agravos; e ações participativas e intersetoriais, que incentivam o protagonismo das comunidades na execução das atividades, apoiando iniciativas já realizadas pelos próprios indígenas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

9. Considerações finais

O protagonismo das mulheres indígenas se fortalece diariamente, visto que, nos tempos passados a figura feminina na maioria das comunidades indígenas tinha

suas colocações específicas, sendo responsáveis por cuidar da família, do plantio e servir seus companheiros. No cenário atual é visível que esse ciclo não é mais o mesmo, diante disso, atualmente as mulheres indígenas têm se inserido nos mesmos espaços que a figura masculina e até indo mais além do que os mesmos. Com um quantitativo ainda pouco, possui comunidades indígenas que as mulheres são as líderes do seu povo, algo que era atípico antigamente, já que era um cargo destinado apenas a homens, como foi citado pelas participantes.

Diante disso, as mulheres indígenas buscam desenvolver um papel de lutar pelos seus direitos, ser valorizadas e inseridas em todos os contextos. Para Holanda (2018), as cadeira destinada para as mulheres indígenas são poucas na sociedade e também no meio indígena, quando se tem mulher no ambiente com vários homens, eles destinam alguns comentários pejorativos a elas, tentando intimidá-las, mas, estas mulheres só estão em busca de respeito, direito à saúde, educação e proteção dos seus territórios, não em uma competição de gênero.

Em meio às diversas adversidades que essas mulheres enfrentam, foi identificado na pesquisa que a perda de ente querido é um fator que repercute de forma negativa nas suas emoções das mesmas, ocasionado muitas das vezes em transtornos, como a depressão, uma doença que seus sintomas atrapalha a rotina e conseqüentemente afeta seu rendimento em qualquer atividade, com isso, pode acontecer dessas mulheres protagonistas se afastar de suas ocupações devido a esses fatos.

Dessa forma a responsabilidade que estas mulheres carregam é muito intensa, e isso acaba afetando seu bem estar físico e mental, como foi apresentado nos relatos. Com isso, foi percebido, que o preconceito que as mesmas enfrentam tanto dentro, quanto fora de suas comunidades é um outro ponto também que repercute emoções negativas nas mesmas, deixando as muitas das vezes deprimidas.

Portanto, por mais que essa ocupação de protagonista seja prazerosa para elas, com uma trajetória de vida cheia de marcas e conquistas, construindo seu legado e virando referência feminina não só em suas comunidades, mas mundialmente. Não é uma tarefa fácil, o peso que as mesmas carregam, os julgamentos, preconceito, a falta de apoio, leva essas mulheres a ter fortes

repercussões emocionais negativas. Diante disso, as vezes até desistindo de estar na linha de frente por sofrer muita opressão ou por esse conjunto de fatores afetar sua saúde física e emocional.

Por fim é importante que essa temática ganhe visibilidade e que a sociedade possa ter empatia e enxergar além da visão que a mulher precisa dar conta de tudo ou que as mesmas sejam inferiores aos homens, apenas pelo seu gênero. Dando enfoque no quanto está na linha de frente e ter que conciliar as diversas ocupações que é direcionada a essas mulheres, afeta o seu bem estar.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011. Tradução de: L'Analyse de Contenu.

BICALHO, Poliene Soares Dos Santos. PROTAGONISMO INDÍGENA NO BRASIL: Movimento, Cidadania e Direitos (1970-2009). São Paulo: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH, 2011.

HOLLANDA , Heloisa Buarque De. Explosão feminista: Arte, cultura, política e universidade. São Paulo: SCHWARCZ S.A, 2018. 300-324 p.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria Especial de Saúde Indígena. Departamento de Atenção à Saúde Indígena. Atenção psicossocial aos povos indígenas: tecendo redes para promoção do bem viver. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2019.

ME IKWÝ TEKJÊ RI: Isto pertence ao meu povo / Toprãre Khôhókrenhum Jôpaipare - 1ª ed.- Marabá,PA: GKNORONHA,2011.

PINTO, Priscila Dias; SILVA, SHEILA KALINE LEAL DA. O “Reviver” Da Cultura Material Do Povo Akrãtikatêjê. II simpósio de produção científica da Unifesspa, 2018.

PA - Povos indígenas da TI Mãe Maria lutam para garantir seus direitos e seu território. Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil. Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/pa-povos-indigenas-da-ti-mae-maria-lutam-para-garantir-seus-direitos-e-seu-territorio/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SILVA, Raquel da Silva. PROTAGONISMO FEMININO NOS MOVIMENTOS INDÍGENAS NO BRASIL. Espirales, Edição Especial, 2021.

SOUZA, Adriana Uassuri de; OLIVEIRA, Edileia Santiago; SANTOS, Juvana Evarista dos. A MULHER INDÍGENA E O PROTAGONISMO DA SUA PRÓPRIA HISTÓRIA DE LUTA E RESISTÊNCIA. *Emblemas*, v. 17, n. 01, 2020.

TAVARES, Joana Brandão. MULHERES INDÍGENAS NA LIDERANÇA: CONCEPÇÕES DE GÊNERO E RELAÇÕES SOCIAIS DE PODER NO MOVIMENTO SOCIAL INDÍGENA. 2017.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina; SIQUEIRA, Rodrigo Espiuca dos Anjos. COLONIALIDADE, MULHER INDÍGENA E VIOLÊNCIA: REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS. *Revista de Movimentos Sociais e Conflitos*, v. 3, n. 1, p. 1–19, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa de trabalho de conclusão de curso (TCC): “O PROTAGONISMO DE MULHERES INDÍGENAS E SUAS REPERCUSSÕES EMOCIONAIS”, que tem como pesquisadora responsável Mihagerê Gavião Pinto, com a orientação do Prof. Dr. Caio Maximino de Oliveira. Os dois são membros da Faculdade de Psicologia (FAPSI) do Instituto de Estudos em Saúde e Biológicas (IESB) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

Este estudo pretende analisar como o papel de protagonista pode gerar repercussões emocionais em mulheres indígenas.

O motivo que despertou meu interesse em realizar esta pesquisa é que a função da mulher, no geral, é bastante intensa e, quando se ocupa um espaço de “liderança” que antes era destinado apenas a homens, acredito ser ainda mais intenso. Portanto, investigar como vocês lidam com as pressões e como se sentem emocionalmente, estando à frente como mulheres protagonistas indígenas é o que me chamou atenção para fazer a presente pesquisa.

Caso você decida participar, você deverá responder 8 perguntas de um roteiro semi-estruturado sobre a relação entre suas vivências e o tema abordado na pesquisa. A entrevista ocorrerá em apenas um único encontro, e será gravada para garantir que todas as informações pertinentes sejam depois resgatadas. Essas gravações são privadas, e não serão compartilhadas com ninguém; o único objetivo é ter material para transcrição. O áudio será guardado de forma sigilosa e não será exposto em nenhum momento. Além disso, é importante você saber que, a menos

que você deseje, seu nome não será divulgado para ninguém, e trechos de suas respostas que eventualmente sejam usados para análise de dados serão sempre acompanhados de um pseudônimo.

Em caso de algum desconforto em qualquer momento da entrevista, você tem total liberdade para não responder alguma ou todas as perguntas, e encerrar a entrevista a qualquer momento, sem necessidade de justificativa.

Os dados obtidos na entrevista serão utilizados exclusivamente para a finalidade de pesquisa científica.

Durante todo o período de entrevista, você poderá tirar suas dúvidas com a entrevistadora.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer momento da entrevista, sem nenhum prejuízo para você.

Todos os dados que você fornecer serão sigilosos e não serão divulgados. Serão aplicados exclusivamente para fins de pesquisa científica, sem que haja divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esta pesquisa será realizada em sua residência (aldeia), e a pesquisadora não se responsabiliza por gastos que você pode vir a ter derivados da participação neste estudo. Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você deverá entrar em contato com a pesquisadora responsável identificada acima.

Caso você possua interesse em acessar a análise de dados e resultados da pesquisa, após a conclusão deste estudo, favor entrar em contato com a pesquisadora após o mês de dezembro de 2023 - o mês planejado para a apresentação final da pesquisa.

Consentimento Livre e Esclarecido

Após o esclarecimento sobre os objetivos, a importância e o modo como os dados serão coletados nesta pesquisa, além de estar ciente que possa haver desconfortos e benefícios para mim e de estar inteirada de todos os meus direitos, concordo em participar do estudo **“O PROTAGONISMO DE MULHERES INDÍGENAS E SUAS REPERCUSSÕES EMOCIONAIS”**, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Declaração do pesquisador responsável

Como pesquisadora responsável pela pesquisa **“O PROTAGONISMO DE MULHERES INDÍGENAS E SUAS REPERCUSSÕES EMOCIONAIS”**, declaro que assumo total responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante

desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Assinatura do pesquisador
ayshamihag@unifesspa.edu.br

APÊNDICE B - AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, RG/CPF _____, concordo em participar da pesquisa **“O PROTAGONISMO DE MULHERES INDÍGENAS E SUAS REPERCUSSÕES EMOCIONAIS”**, de forma voluntária. Declaro que fui plenamente informado e esclarecido pela discente responsável pela pesquisa sobre os processos nela desenvolvidos, do mesmo modo, como os possíveis riscos e benefícios resultantes da minha participação. Assim, foi-me assegurado sobre poder retirar meu consentimento a qualquer momento em que eu desejar, sem que haja qualquer punição para mim.

Marabá-PA, ____ de _____ de 2023.

Assinatura da participante

APÊNDICE C - Roteiro da entrevista semiestruturada

1. Qual seu nome, sua idade, seu povo e o nome de sua aldeia?
2. Como foi sua trajetória até ocupar essa função de protagonista? Liderança?
3. Quando falamos de mulheres indígenas protagonistas, estamos falando sobre mulheres que atuam à frente de movimentos, mulheres cacicas,

lideranças que estão à frente de lutas. Como você se sente ao estar dentre essas mulheres protagonistas?

4. Essa ocupação atinge o seu bem-estar físico e principalmente mental?
5. Na sua opinião, existe machismo nesse meio que você está inserida? Os homens costumam apoiar as mulheres que estão à frente da luta, assim como eles?
6. Como você relaciona esse papel de uma mulher protagonista e a relação familiar? Existe algum embate?
7. Houve alguma atividade cultural que precisou ser “deixada de lado” para ocupar esse papel de protagonista indígena?
8. Como você lida com suas emoções diante de todas as situações que você passa ocupando a função que você está? Se sente atingida positivamente ou negativamente ao está à frente de lutas indígenas?